

Uma Jóia em África

A evolução política recente no Zimbabwe chama, novamente, a atenção para um livro publicado há cerca de vinte anos. Trata-se de “*Serving Secretly*” da autoria do antigo chefe dos serviços secretos rodesianos, Ken Flower.

Este narra ao longo de 330 páginas a sua vida na antiga Rodésia do Sul, onde colaborou com cinco Primeiro-Ministros. O autor chegou ao território em 1937, após ter concorrido a um lugar na polícia local. A propósito da sua escolha, Flower comenta com humor que ela, provavelmente, se deveu ao facto de necessitarem de um jogador na equipa de rãguebi.

Com o início da II Guerra Mundial, parte do contingente policial é enviado para a Etiópia. Os sete anos seguintes são passados a tentar ajudar a causa somali, até que o governo de Clement Attlee decidiu cessar o auxílio.

No final dos anos 40, Flower estava de regresso ao continente africano e continuou a progredir na carreira policial. Na década seguinte começou a sentir-se a necessidade de se constituir um serviço de informações. Vencidas as tensões e as rivalidades orgânicas usuais, surgiu a Central Intelligence Organisation (CIO), na dependência do Primeiro-Ministro. A Rodésia tinha sofrido, no pós-guerra, uma alteração substancial ao nível da sua composição étnica. Os brancos tinham duplicado em número, fruto da deslocação de indivíduos da Índia, Quênia e Grã-Bretanha. A população proveniente da Europa procurava, na Rodésia, melhores condições de vida, e, os outros, pretendiam escapar à agitação e aos distúrbios que visavam atingir, em muitos casos, a comunidade branca. Isto não significava que a Rodésia estivesse isenta de dificuldades. Bem, pelo contrário, elas adensavam-se no horizonte. Os negros mostravam-se cada vez mais descontentes e uma facção do partido no poder – a Rhodesian Front (RF) –, favorecia a independência face ao Reino Unido. Aliás, esta querela esteve na origem do afastamento de Winston Field do cargo de Primeiro-Ministro, em Abril de 1964.

A vitória da facção, que queria a ruptura com a Grã-Bretanha conduziu ao poder, Ian Smith. De facto, a “Unilateral Declaration of Independence” (UDI) e as relações com Londres, iriam dominar a agenda política rodesiana, ao longo da década de 60.

Smith, começou, desde logo, a juntar à sua volta pessoas que fossem favoráveis àquela iniciativa. Curiosamente, Ken Flower manteve-se no cargo porque era visto como alguém que poderia contrapor argumentos em relação aos mais optimistas – os “wishful thinkers”; nomeadamente, aqueles que defendiam a ruptura com a Grã-Bretanha e não previam consequências de

maior. Outra sorte teve o chefe do exército, Major-General Anderson, o ministro dos assuntos africanos, Stan Morris, e o ministro dos negócios estrangeiros e defesa, Benoy.

No sentido de arregimentar adeptos para a sua causa, o Primeiro-Ministro rodesiano aproximou-se mais da África do Sul e Portugal. Se a primeira não representava uma novidade, devido aos laços já existentes entre os dois territórios; o segundo caso, configurava uma manobra diplomática inovadora, tanto para Salisbúria como para Lisboa. A preocupação em causa justificou a ida de Ian Smith e Ken Flower à capital portuguesa, em Setembro de 1964. Este não assistiu ao encontro entre Salazar e Smith. Contudo, registou a percepção de que a conversa teria sido crucial para a posição que o líder rodesiano haveria de adoptar face aos britânicos.

Embora Flower não tenha presenciado a reunião entre aquelas personalidades, conheceu vários membros da elite política e militar portuguesa, entre os quais o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, e o General Venâncio Deslandes. Estes impressionaram-no favoravelmente, vindo a considerar Deslandes um bom amigo da Rodésia.

Em relação a Nogueira, este teria feito um comentário “demolidor” a Smith, que lhe foi reproduzido nos seguintes moldes: “Oh, by the way, Dr. Nogueira told me yesterday evening that I had two traitors in my midst – you and Benoy – and his advice to me was to get rid of you as soon as possible”¹.

O hábil chefe da diplomacia portuguesa havia percebido as fortes reservas de Flower e de Benoy, no que respeitava à UDI.

Indiferente aos relatórios provenientes dos serviços secretos, o governo rodesiano tomou a decisão de optar pela UDI, em 19 de Outubro de 1965.

Numa declaração formulada perante o Conselho de Segurança rodesiano, o Primeiro-Ministro afirmou que a opinião pública britânica estava ciente das razões rodesianas e que os políticos americanos compreendiam melhor a posição de Salisbúria. A França estava em sintonia com a Rodésia.

Quanto a Portugal e à África do Sul, só não clamavam publicamente o respectivo apoio, devido a razões políticas.

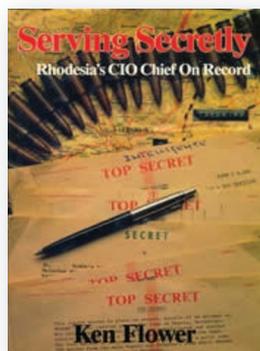
A propósito, Flower considerava que a atitude portuguesa não se devia tanto a ela ser pró-Rodésia, mas mais por existir um sentimento anti-britânico, resultante da posição assumida por Londres aquando da invasão de Goa por forças da União Indiana, em 1961.

A partir de Dezembro de 1965, os acontecimentos precipitam-se, com o embargo petrolífero decretado pelos britânicos e apoiado nas Nações Unidas.

Afastada a hipótese de uma intervenção militar, Londres considerou que seria suficiente um bloqueio, de forma a impossibilitar o trânsito de combustível para a Rodésia.

A situação atingiu um momento crítico para as autoridades portuguesas, quando estas se viram confrontadas com a chegada de navios ao porto da Beira, com carga destinada aquele país.

Sob a orientação de Jorge Jardim, astuto em-



Serving Secretly
An intelligence chief on record: Rhodesia into Zimbabwe, 1964 to 1981
Ken Flower

Harare, John Murray, 1987